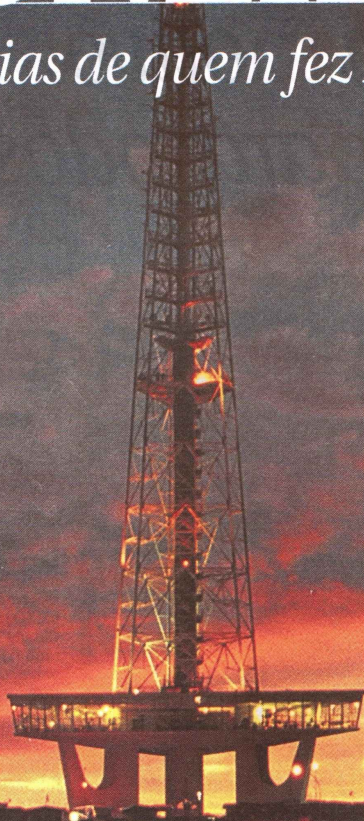


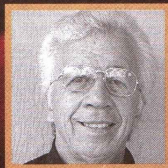
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

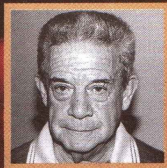


Mudar de mala e cuia para Brasília em construção exigia coragem, despreendimento e esperança. Afinal, além das dificuldades proporcionadas pela infraestrutura precária, existia a incerteza de que a capital realmente se consolidaria no Centro-Oeste. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília* esta época está sendo revivida na lembrança dos que para cá vieram.

Galdino de Melo



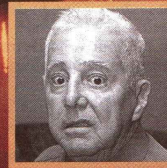
Juarez de Paiva Brito



Lúcia Toller



Renato Andrade



Sílvio Carlos Jaguaribe



PIONEIROS



Galdino Nunes de Melo

Brasília, um motivo de orgulho para todos

Arquivo pessoal



GALDINO COM A ESPOSA EM UMA DAS INÚMERAS FESTAS DA BRASÍLIA DAQUELA ÉPOCA

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Além de representar um progresso para o Brasil como um todo, a transferência da capital federal para o Planalto Central também foi um avanço na vida de muitos pioneiros que por aqui se arriscaram. É o caso de Galdino Nunes de Melo, que veio de Anápolis, cidade do interior de Goiás, para Brasília em 1958 e viu sua vida mudar completamente. Aos 20 anos de idade, o mecânico de bicicletas desempregado Galdino se transformou em um empregado de construtora da nova capital e hoje é um economista formado e aposentado.

Galdino Melo veio para Brasília a convite de um vizinho de Anápolis que já estava aqui. "O emprego em Anápolis estava difícil e esse meu amigo disse que aqui em Brasília havia muito trabalho braçal, pesado mesmo", conta Galdino, que não se assustou e não temeu a mudança. "Minha família não gostou muito da idéia porque algumas pessoas viam Brasília como um monte de mato para onde vinham pessoas de todos os cantos do país e onde poderia haver muita violência. Mas na verdade

era uma cidade tranqüila", lembra o pioneiro.

Se a impressão que a família do pioneiro tinha de Brasília não era das melhores, Galdino teve um primeiro encontro com a cidade classificada por ele como "inesquecível". Depois de sair de Anápolis de manhã, de carona em um caminhão velho, e chegar em Brasília somente ao

anoitecer, Galdino foi brindado pela natureza com um verdadeiro espetáculo. "Não posso esquecer aquele céu anoitecendo, com um horizonte enorme e sem montanhas. Logo no primeiro dia de Brasília me emocionei com a cidade", afirma, mais uma vez emocionado.

Mas a chegada em Brasília não foi só de coisas boas. Como

era de noite e Galdino não tinha dinheiro para ir até o acampamento de seu vizinho, que ele nem sabia onde era, o pioneiro resolveu pedir ajuda na única barbearia que estava aberta na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Para a surpresa do pioneiro, o dono do estabelecimento não se opôs à permanência de Galdino por lá. "Durante duas ou três noites — até encontrar meu vizinho — dormi na cadeira da barbearia mesmo", lembra. Somente depois de encontrar o vizinho na feira — "todo mundo se encontrava na Cidade Livre, pois era o único local que podíamos ir" — é que Galdino conseguiu uma moradia, no acampamento da construtora Joubert, e um emprego para abrir as valas dos canteiros de obra. "Brasília recebia gente de todo lugar porque os salários eram pagos em dobro para que as obras pudessem ser entregues no prazo estipulado. Lembro que meu primeiro salário aqui foi marcante porque eu nunca tinha visto tanto dinheiro junto em minha vida", diverte-se o pioneiro, que chegou a pensar em voltar para Anápolis, mas desistiu sempre que lembrava as compensações

financeiras de estar aqui.

Sem estar acostumado ao trabalho braçal, Galdino logo pediu para ser aproveitado em outra área da construtora e acabou sendo nomeado auxiliar de cozinha na construtora Planalto, onde servia engenheiros americanos. Em pouco tempo, Galdino era promovido a garçom. "Como os engenheiros eram americanos, precisávamos de aulas de inglês com termos básicos como *water* e *fork* para entendermos o que eles estavam nos pedindo", conta o pioneiro ressaltando que a professora viera de São Paulo especialmente para essas aulas. Durante esse tempo em que Galdino trabalhou com garçom da construtora Planalto havia muitas festas em que ele tinha que trabalhar, muitas com a presença de personalidades da cidade, como Israel Pinheiro. Em uma dessas reuniões, a noite já era alta quando dois engenheiros americanos começaram a brigar. "Já era muito tarde e estávamos loucos para que aquela festa terminasse logo. A briga começou e um dos engenheiros tomou um soco na cara e caiu sentado dentro do balde com água e sabão que usávamos para limpar o salão. A gargalhada

PIONEIROS

O pioneiro chegou de Anápolis em busca de trabalho. Aqui foi empregado de uma construtora, do Serviço de Limpeza Urbana, estudou e se formou em Economia



GALDINO COM A FAMÍLIA EM MOMENTO DE COMEMORAÇÃO NA CIDADE

Raio X

Nome: Galdino Nunes Melo
Idade: 65 anos
Origem: Anápolis, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1958.
Profissão: Economista aposentado
Esposa: Anabela da Cunha Melo
Filhos: Carlos, Charles, Julio, Ana Cláudia, Paulo e Marcos (falecido)
Netos: Carlos Eduardo, Charles Junior, Gabriela, Maria Alice, Mariana, Leonardo e Manoela

foi geral". Depois de passar por outros serviços em 1962, Galdino começou a trabalhar no Serviço de Limpeza Urbana (SLU), onde se aposentou.

Uma das lembranças de Galdino da época em que Brasília ainda nem havia sido inaugurada é da Barragem do Paranoá, para onde ele levava a comida dos topógrafos que ali trabalhavam. "A barragem era linda, um local com muita vegetação típica do cerrado, com árvores baixas, e animais pequenos, como gambás e muitas espécies de pássaros", conta. Mas uma vez o animal encontrado não tinha nada de pequeno. "Fui levar a comida de topógrafos que estavam trabalhando lá em baixo e quando cheguei perto deles me vi diante de uma sucuri de aproximadamente dez metros", garante Galdino, que espantou e não matou a cobra.

“NÃO POSSO
 ESQUECER AQUELE
 CÉU ANOITECENDO,
 COM UM
 HORIZONTE
 ENORME E SEM
 MONTANHAS. LOGO
 NO PRIMEIRO DIA
 DE BRASÍLIA ME
 EMOCIONEI COM A
 CIDADE”

Outra lembrança de Galdino é da visita do presidente francês Charles De Gaulle à nova capital brasileira. Mesmo sem ver o visitante, Galdino ouviu que ele era tão alto que tiveram que construir uma cama no hotel especialmente para o francês. Pelo sim, pelo não, Galdino batizou um de seus filhos de Charles em homenagem ao presidente. E parece que deu certo. "Meu filho não é tão alto quanto o presidente, mas tem mais de um metro e noventa de altura", garante o pioneiro.

Passados 45 anos de sua chegada em Brasília, Galdino olha para trás e faz uma reflexão de que a cidade e ele cresceram e se desenvolveram juntos. "Brasília hoje é motivo de orgulho para todos nós e eu cheguei aqui apenas com o primário concluído, trabalhei, estudei e consegui

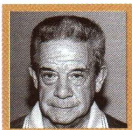
me formar em economia depois dos 50 anos de idade", afirma um orgulhoso Galdino. Além do crescimento profissional, foi aqui que o pioneiro encontrou sua esposa, Anabela, e criou seus seis filhos, "todos formados", como faz questão de frisar. Romântico inveterado, Galdino lembra com detalhes o dia em que conheceu Anabela na praça da 2ª Avenida da Cidade Livre. "A praça estava cheia porque missionários americanos estavam pregando para trabalhadores. Quando eu vi Anabela pela primeira vez trocamos olhares e logo começamos a flertar. Tive a certeza ali mesmo de que ela seria a minha esposa". A mesma certeza que tinha o jovem Galdino ao escolher como sua cidade aquela que lhe ofereceu como cartão de visitas um inesquecível por do sol.

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivacitti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados





Juares de Paiva Brito

Antes da inauguração, trabalho feito à distância

Arquivo Público



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O trabalho deste pioneiro em prol da construção da nova capital do país começou cedo e a quilômetros daqui. Foi por meio do comércio de máquinas e ferragens, na Casa Planeta, em Belo Horizonte, que Juares de Paiva Brito conheceu Brasília. A mudança de emprego — antes ele trabalhava numa padaria com a tia e fora convidado pelos fregueses a trabalhar como comerciante no setor de construção — praticamente mudou sua vida.

Os pedidos de material da Casa Planeta — filial em Brasília — para as construções chegavam a toda hora na matriz em BH. A pressa em entregar a tempo a nova sede do governo brasileiro mudava até o ritmo de trabalho no aeroporto da capital mineira. “O Luizinho (funcionário da loja) uma vez saiu correndo com uma bomba hidráulica na mão e parou o avião no pátio que vinha para Brasília”, lembra Juares.

Por várias vezes o mineiro de Moeda colocou o pé na estrada para abastecer a filial. A primeira vez que ele pisou no cerrado foi em 1958, onde ficou uns quinze dias. A segunda vez em 1959. O vai-e-vem constante ficou gravado na memória do comerciante que não media esforços para entregar as mercadorias na futura capital federal. E não era por menos. Cada viagem era uma

aventura. Com a mesma alegria e disposição daqueles tempos ele conta como era difícil a viagem até Brasília. “Não tinha rodovia direito naquela época e numa dessas viagens em que tive de trazer parafusos, daqueles grandes, o carro de tão pesado, furou os pneus três vezes. Eu me lembro como se fosse hoje por causa do trabalho que esses parafusos me deram. Eles (os para-

fusos) não me mataram porque Deus não quis”, conta o pioneiro que teve de retirar o banco traseiro do jeep para encaixar os tais parafusos.

Filial

A mudança para Brasília só veio a acontecer no início de 1960, quando foi convidado a trabalhar na filial que funcionava na Avenida Central, ao lado da rodoviária,

no Núcleo Bandeirante. “O sujeito quando chegava aqui não acreditava muito nisso aqui não, mas quando via a empolgação do povo, aquele trabalho todo, aí mudava de opinião”, garante.

O esforço dos milhares de candangos, o sentimento de igualdade entre os moradores, os alto-falantes da Cidade Livre e o ritmo alucinante de trabalho impressionaram Juares. “Só víamos can-

NA FILIAL DA CASA PLANETA, NA ASA NORTE, JUAREZ COMEÇOU A VIDA COM A FAMÍLIA, EM BRASÍLIA

teiros de obras por todo lado. Os geradores então, que levavam luz até as construções eram cada um maior que o outro. Todo mundo trabalhava com muita alegria de domingo a domingo. Nossa maior diversão era trabalhar”, afirma o pioneiro.

Foi num dos cômodos da loja onde trabalhava que ele improvisou sua moradia. “A loja de materiais de construção era como as outras residências da época, toda em madeira”, explica. Na frente do barraco funcionava o comércio e nos fundos se acomodavam umas seis pessoas, pelas contas do comerciante.

A poeira chegou a assustar o maior vendedor de betoneiras da região, mas não tirou o ânimo. “Quando a gente passava por um outro carro éramos obrigados a parar, pois ficávamos sem visão nenhuma da estrada. Era tanta poeira que a gente até mudava de cor”.

Além de trabalhar na loja, onde era sócio, Juares também fazia visitas às construtoras. “Até a lona para o vigia da construtora responsável pela obra da Universidade de Brasília eu levava”. O comerciante conta que eram tantos pedidos de material e betoneiras que só não vendia mais porque não tinha. “A região naquela época não tinha nada e tudo tinha que vir de fora. Era tudo muito difícil”.

Nem a fome era capaz de interromper o trabalho do mineiro

PIONEIROS

De Belo Horizonte, o pioneiro já ajudava a consolidação da nova capital como fornecedor de material de construção. Em 1960, mudou-se para a cidade e ficou



FOI NA CIDADE QUE JUAREZ CRIOU OS FILHOS E ACOMPANHA O CRESCIMENTO DOS NETOS

que muitas vezes ficava sem almoço para terminar o serviço. "Me lembro que um dia eu e um colega trabalhamos até as quatro da tarde sem parar na colocação de alguns parafusos e só depois que um deles (parafusos) quase acertou meu olho é que resolvemos parar", lembra o pioneiro que por pouco não ficou cego.

Nas horas de folga, Juarez batia uma bola com os amigos. "Eu sempre fui metido a jogador de futebol e aqui também não tinha muita diversão. A televisão quase sempre saía do ar".

Sempre de bem com a vida, o mineiro conta que tudo aqui era muito rápido naquela época. Até os casórios. "Em menos de um ano eu conheci a Lúcia, namoramos, noivamos e casamos". A união aconteceu três anos depois de sua chegada em Brasília. Como sua esposa também era de Belo Horizonte, resolveram fazer a cerimônia lá mesmo.

De volta ao Planalto e a convite

“**TODO MUNDO TRABALHAVA COM MUITA ALEGRIA DE DOMINGO A DOMINGO. NOSSA MAIOR DIVERSÃO ERA TRABALHAR**”

do sogro, Juarez se mudou com a mulher para a W3 Sul, até a nova sede da Casa Planeta ficar pron-

ta. Concluída a obra o casal se mudou para a Asa Norte, que, segundo o pioneiro, era só mato na região. "O Jânio Quadros queria a todo custo levar o pessoal para a Asa Norte, que naquela época não tinha uma casa". A administração da Cidade Livre tirava as tábuas e as telhas dos barracos para serem reaproveitadas nas novas construções. "Mas no fundo eu acho que era para o pessoal não voltar mais para o Núcleo Bandeirante", comenta.

Susto

A Asa Norte aos poucos foi crescendo e ganhando ares de um grande centro comercial. Ao lado da loja de material de construção, onde Juarez trabalhava e morava com a família, foram surgindo os mais variados tipos de negócios como oficinas, agências de veículos, bancos e outros.

Foi no novo endereço que o pioneiro viveu um dos piores dias de sua vida. Vítima de um

assalto à mão armada, levou um tiro de raspão na perna que o deixou internado mais de uma semana no hospital. "O sujeito entrou na loja anunciando assalto e pedindo a chave do cofre", conta Juarez sem entender até hoje o porquê do assalto. "Não entendi por que aquilo aconteceu. Naquela época não existia violência, nem furtos, as mercadorias dormiam do lado de fora sem problemas. Todo mundo confiava no outro. Não havia ambição. Todos tinham trabalho. Se o cimento de uma obra acabava, a gente pegava emprestado com o outro".

Aos 72 anos de idade, a disposição do avô para o trabalho ainda é a mesma. "Levanto todos os dias às quatro da manhã, preparo o café lá em casa, faço 40 minutos de esteira, tomo banho e vou para o trabalho", afirma. Antes de começar a nova jornada ele toma outro cafezinho, que ele mesmo prepara lá na loja.

Raio X

Nome: Juarez de Paiva Brito
Idade: 72 anos
Origem: Moeda, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: Esteve aqui em 1958 e se mudou em definitivo em 1960
Profissão: Comerciante
Estado civil: Casado
Esposa: Lúcia Marina Raso de Paiva
Filhos: Luiz Roberto, Judith, Gilberto, Marcelo, Juarez e Luciana
Netas: Bianca e Laura



Lúcia Maria César Pinheiro Toller

Jovem e com
e fez da dança

Com graça e simpatia ela conquistou o Planalto

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

É praticamente impossível falar da cultura de Brasília sem mencionar o nome desta pioneira que, em plena adolescência, trocou o Rio de Janeiro para ensinar aos candangos os primeiros passos da dança. Bailarina desde os 10 anos de idade, Lúcia Maria César Pinheiro Toller veio com os pais pouco depois da inauguração da nova capital. Jovem, e com um filho para criar, Lúcia fez da dança seu trabalho e um instrumento de integração entre os moradores.

Aos poucos, a pioneira foi se ambientando com o local e descobrindo o charme e a beleza da cidade que se escondia por trás daquela cortina de poeira. “Eu imaginava que isso aqui fosse uma grande metrópole, mas quando cheguei no aeroporto vi apenas as luzes do Eixão, aquele mato todo ao redor e os redemoinhos que quase levava a gente. Foi aí que me dei conta do que era Brasília”, lembra.

O acampamento do Banco do Brasil, na 303 Sul, onde a família foi morar — seu pai era chefe de gabinete do diretor da instituição —, tinha tudo que ela sonhara. Em formato de lâminas, o acampamento oferecia teatro, cinema e salão de jogos. Ali se formaram os primeiros grupos sociais de Brasília. “As pessoas se reuniam para

um bate-papo, se apresentavam e contavam o que os trouxeram para a capital”, explica a pioneira.

O espírito de união e solidariedade entre os candangos e a diversidade cultural existente aqui chamou a atenção da dançarina que dividia seu tempo com a educação do filho, o curso normal no Caseb 13, onde fez o 1º grau, e as apresentações na TV Brasília. “A cultura que se formava aqui era interessante, porque cada um trazia de sua região um pouco de seus costumes e suas tradições

como a culinária, a dança e a música”.

Freqüentadora assídua do Chevilly, restaurante em estilo alemão, ela guarda na lembrança o traje típico das moças, com aqueles vestidos longos e a música ao vivo. “A gente se sentia na própria Alemanha”, afirma Lúcia. Segundo ela, a W3 era um charme, com seus cafés e as boutiques. Bem diferente do centro comercial de hoje. “A fonte luminosa de frente para a Torre de TV, com a água jorrada no ritmo da

música, era o ponto de encontro de muitos casais apaixonados.”

A Festas dos Estados era o maior evento cultural de Brasília. Realizada nas entrequadradas — nessa época o Teatro Nacional ainda não havia sido construído. A pioneira dançava esbanjando nos pés talento e graça. “A festa era aguardada por todos. Era uma forma de integração e confraternização entre os moradores”.

Além de se apresentar aos domingos, na antiga TV Tupi, no Rio de Janeiro, e na TV Brasília, Lúcia

JK, EM UMA VISITA A BRÁSILIA DEPOIS DO EXÍLIO, ASSINA A SAPATILHA DE LÚCIA DEPOIS DE UMA APRESENTAÇÃO NO CLUBE VIZINHANÇA

Toller também ensinava a arte da dança aos filhos dos funcionários públicos, enchendo de graça e poesia os salões da capital federal. Ela deu aulas no Banco da Amazônia, no Clube da Vizinhança, no prédio do INPS, no setor de

Com um filho para criar, a pioneira chegou a Brasília com os pais
na forma de integração entre os moradores da cidade

**LÚCIA FEZ DE
BRASÍLIA A SUA
CASA E FOI AQUI
QUE CRIOU OS
FILHOS E CURTE OS
NETOS**

Autarquias, na W3 e no Sacré Coeur de Marie, um colégio de freiras. "O colégio não queria me aceitar como professora por ter sido mãe muito cedo e desquitada, apesar de que nessa época eu já estava casada novamente". Com talento e simpatia a jovem dançarina venceu o preconceito e, por meio de um abaixo assinado organizado pelos pais, ela pôde dar aulas no colégio.

As apresentações de balé eram cada vez mais comuns na cidade. Dentre todas as suas apresentações, uma tem um significado especial. Convidada para dançar no Clube Vizinhança pelo então senador Juscelino Kubitschek, que voltava a Brasília depois de anos de exílio, Lúcia se emocionou ao ser cumprimentada pelo ex-presidente. "Ele me perguntou o que poderia fazer por mim. Então eu tirei a sapatilha e pedi a ele que a autografasse", conta. "Ele era muito simpático e pouco tempo depois ele morreu", acrescenta. Segundo a pioneira, Juscelino costumava freqüentar o matinê dançante no Hotel Nacional, local onde também eram realizadas as cerimônias glamourosas do Itamaraty. Foi no Hotel Nacional que Lúcia conheceu de perto a rainha da Inglaterra em sua visita a Brasília. "Ela tinha o rosto muito branco e as faces coradinhãs, parecia uma santinha", lembra comovida. Segundo a coreógrafa, era ao redor do Hotel Nacional também que o tri-campeão de Fórmula 1, Nelson Piquet, costumava fazer suas corridas de carro, porque o autódromo ainda não existia.

Repressão

Os difíceis anos da ditadura chegaram e a artista sentiu na pele os



efeitos da repressão. "Os militares trouxeram muita aflição. Era como se existisse uma nuvem pesada sobre nossas cabeças. Tínhamos a sensação de medo, censura, mas por incrível que pareça foi nesse período que consegui trazer, com a autorização dos militares, dois integrantes do Bolshoi a Brasília".

Os representantes do balé mais famoso do mundo — Sulamif Messer e Matrossian — trouxeram um grande impulso para a dança brasileira. "Com um ano morando na cidade, a bailarina russa queria a todo custo renovar o contrato para mais um ano, o que me colocou na saia justa por causa da confiança depositada pelos militares no nosso trabalho". Depois de uma longa conversa com os representantes daquele país, Lúcia entrou em acordo com a bailarina e ela resolveu voltar para a Rússia.

Os espetáculos produzidos anualmente pela dançarina são uma prova de determinação e amor pela cidade. O *Lake in Brasília*, espetáculo de dezembro passado, é uma homenagem ao

“**A CULTURA QUE SE FORMAVA AQUI ERA INTERESSANTE, PORQUE CADA UM TRAZIA DE SUA REGIÃO UM POUCO DE SEUS COSTUMES E SUAS TRADIÇÕES, COMO A CULINÁRIA, A DANÇA E A MÚSICA**”

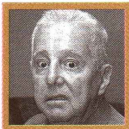
grande idealizador, Juscelino Kubitschek, inspirado na tese da professora Iara Kern que reconhece a forte semelhança e coincidência entre a história de Brasília e a antiga cidade egípcia de Akhenaton, de onde o presidente teria buscado inspiração para construir a nova capital.

Hoje, a pioneira dedica a maior parte do tempo em sua academia, na Asa Sul, onde produz, ensaia os espetáculos e dá aulas de dança para professores e alunos. Ela é quem coordena a metodologia da Royal Academy of Dance of London, instituição à qual é filiada e cuja patrona é a própria rainha da Inglaterra. Todo ano a academia recebe examinadores ingleses que verificam a aplicação correta da metodologia para a aplicação dos exames. A academia oferece ainda a seus alunos o melhor da dança clássica e moderna, além da dança flamenca, dança de salão e dança do ventre. Em boa forma física, Lúcia dá continuidade ao seu projeto, que é promover a cultura e a integração dos candangos.

Raio X

Nome: Lúcia Maria César Pinheiro Toller
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1962
Profissão: Professora de dança
Estado civil: Viúva
Filhos: Filipe, Sérgio e Alexander
Netos: Maria Emanuela, Filipe e Letícia
Alguns espetáculos: Lake in Brasília; Sweet Quebra-Nozes na Broadway; Cinderela no século XXI; Paqueta; Concertango; Sinfonia em D e Círculos de Pedra

PIONEIROS



Renato da Motta Andrade

Acerto na escolha do caminho a seguir

Arquivo Pessoal

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Brasília ainda era mito para a maior parte dos brasileiros em 1961. Na cidade mineira de Ubá, ambulantes vendiam vidrinhos cheios de uma areia vermelha que diziam ser a poeira da nova capital. Na política, os rumores sobre o retorno da capital federal para o Rio de Janeiro ganhavam força na figura do presidente Jânio Quadros. Mas Renato da Motta Andrade, 78 anos, há tempos planejava iniciar uma vida nova em outra cidade, que poderia ser Belo Horizonte, Rio de Janeiro ou Brasília.

"Ele estava cansado de trabalhar para os familiares, porque a maior parte dos clientes em Ubá eram parentes", conta a esposa, Célia Queiroz de Andrade. "Como professora, Brasília para mim era a melhor opção", completa. A mineira explica que na década de 60 os diplomas de magistério eram específicos para cada estado, ou seja, o de Minas Gerais só era aceito em Minas Gerais. "Mas no Distrito Federal isto não existia, qualquer diploma do país servia", afirma.

Eram os últimos meses de 1961. Renato, na ocasião, trabalhava com a venda de fumo no Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo, representando a empresa Zizinho Motta e Cia. Antes disso, já havia trabalhado em um armazém e na abertura de estradas no interior de Minas Gerais. Os dois



negócios foram bem sucedidos.

O primeiro tinha clientela garantida no Rio de Janeiro, que comprava muita mercadoria de outros estados para abastecer o mercado interno. O segundo rendeu a ele e ao sócio e cunhado José Pires da Luz algum sucesso. "Tinhamos um trator e com ele abríamos as estradas, serviço raro na época", conta. Mas a sociedade terminou sendo desfeita porque Pires optou por iniciar carreira política.

A cada negócio encerrado, a vontade de dar um rumo diferen-

te a sua vida crescia. A visita do amigo de infância, Wilson Antônio de Andrade, intensificou o sentimento. Dono da Casa do Atleta, Wilson já vivia em Brasília há algum tempo e dizia que o futuro estava aqui. Sem muito esforço, Andrade foi rapidamente convencido a acompanhar o amigo numa visita breve ao recém inaugurado Distrito Federal.

O meio de transporte que os trouxe para cá foi a mesma caminhonete que Renato usava para a entrega do fumo. A imagem da nova capital era impressionante.

"Os prédios da Esplanada pareciam flutuar no meio na terra vermelha", conta. "Todo o comércio da cidade, que se concentrava na W3 Sul, era percorrido à pé em pouco tempo", completa.

Em poucos dias na nova capital do Brasil, Andrade já sabia que negócio iniciaria aqui. "Não havia nenhuma loja de rações, adubos e outros produtos para criação de animais e agricultura no Plano Piloto", diz. "Por outro lado, este tipo de mercadoria não era muito caro e havia muitas chácaras nos arredores da cidade".

NA 309 SUL, A CASA RENATO FAZIA PROMOÇÕES DANDO PINTOS E PEIXES EM SACOS PLÁSTICOS PARA ADOLESCENTES, PARA CHAMAR A ATENÇÃO DOS PAIS

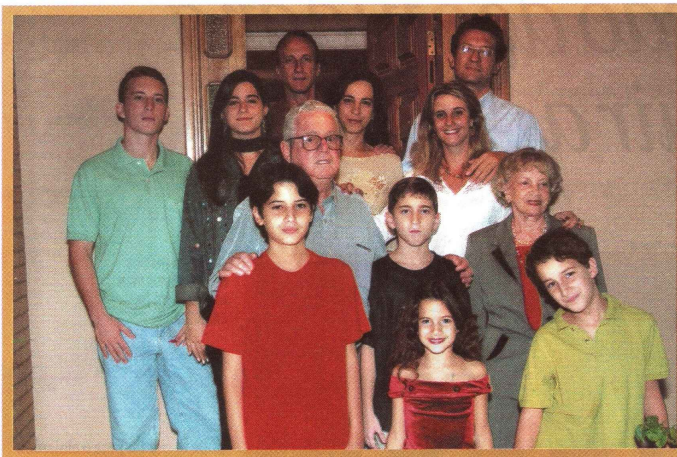
Adubos, rações e sementes

Na volta a Ubá, Célia não se opôs à decisão do marido, que veio antes para organizar a abertura da loja. Em Minas, com o filho de três anos, Francisco, Célia tentaria conseguir transferência para a

PIONEIROS

Cansado do negócio que mantinha em Ubá, o pioneiro rumou para Brasília onde rapidamente descobriu a que atividade se dedicar: uma loja de ração de animais e agricultura

EM BRASÍLIA, RENATO E A FAMÍLIA COMEMORAM A ESCOLHA DA NOVA CAPITAL.



nova capital. "Recebi um telegrama do prefeito dizendo que haveria um concurso para professores que quisessem trabalhar em Brasília", revela. "As provas seriam feitas em maio de 1962, então estava tudo certo, não ficaria sem trabalho", conclui.

Em Brasília, Andrade alugou dois quartos para morar, nos fundos de uma casa na 712 Sul. Os preços aqui não eram baratos e tudo tinha que ser pago adiantado porque as pessoas que vinham para cá não eram consideradas confiáveis, pois poderiam desistir de viver na cidade a qualquer momento. "Tive que pagar três meses adiantado", recorda-se.

A fama que Jânio Quadros ajudara a espalhar sobre Brasília, de que a cidade não se consolidaria como capital federal, interferia em qualquer tipo de negociação. Para comprar as mercadorias da loja, por exemplo, quase tudo tinha que ser pago à vista.

Depois de seis meses aqui, Renato optou por alugar uma loja na 309 Sul, que era composta por subsolo, térreo e sobreloja. O subsolo seria o local de armazenamento dos produtos, o térreo a loja e o primeiro andar abrigaria a pequena família. A pequena empresa se chamaria Casa Renato, porque este nome dava abertura a qualquer tipo de comércio, caso a venda de rações, adubos e sementes não desse certo.

Pintinhos em sacos

A entrequadra comercial da 309 Sul tinha poucas lojas abertas e a 308 nenhuma. Andrade comprava as rações de animais na Novacap. "Lembro-me que passava por dentro do Zoológico, que ainda não era fechado e tinha poucos animais, para che-

gar até a Candangolândia", recorda-se. O trajeto era feito de carroça. "As carroças ficavam em um ponto, como táxis, e eram alugadas", revela.

Fora a Novacap, não havia outro lugar para comprar mercadoria no Distrito Federal, seria preciso viajar. Seguindo exemplo do pai, que também era comerciante, Andrade foi ao Rio procurar fornecedores. "Quando falava que era de Brasília, logo desacreditavam no pagamento da mercadoria e nós não tínhamos como comprar à vista", conta Célia. "Mas Andrade encontrou um senhor que resolveu ajudar após ouvir a nossa história e nos vendeu sementes de flores, verduras e outros produtos, tudo para pagar depois", completa. O senhor nunca se arrependeu da negociação, depois de anos ainda enviava presentes para a Casa Renato.

Andrade também foi a São Paulo, de onde passou a comprar pintos e pássaros. "Quando a Só Frango ainda era uma empresa de médio porte, vendíamos para eles cerca de 300 pintos por semana", afirma Andrade.

Em pouco tempo, a Casa Renato passou a ser visitada pelos estudantes que seguiam a pé em

direção às escolas da 908 Sul. "Eles paravam para olhar os pintinhos e peixinhos que colocávamos à mostra", diz Célia. O interesse dos adolescentes pelos animais deu a Andrade a idéia de distribuir pintinhos e peixinhos em sacos plásticos nos colégios como forma de atrair os pais dos alunos para a loja. "Eles queriam saber quem tinha dado aqueles animais e terminavam conhecendo a loja e, às vezes, tornam-se clientes", conclui Célia.

Festas juninas

A venda de produtos para criação de animais ia bem, mas foram as festas juninas realizadas na cidade que tornaram a Casa Renato popular, ajudando a família Andrade a se consolidar em Brasília. As festas juninas eram muito frequentadas e aconteciam ao ar livre, nas áreas que separavam as superquadras, onde depois seriam plantados os grandes gramados que vemos hoje. Cliente disso, Renato incluiu um novo produto no estoque da loja: bombinhas de São João. "Foi um sucesso", orgulha-se a esposa.

O concurso de Célia para as Escolas Reunidas, nome dado ao órgão que administrava as unidades de ensino em Brasília,

terminou sendo adiado para setembro de 1962. Antes disso, entretanto, a professora conseguiu uma vaga temporária na escola da 308 Sul. "Havia uma turma de adolescentes que faziam todos os professores desistirem daquela unidade, mas eu aceitei o desafio e terminei ficando até o final do ano na escola", afirma. "Depois do concurso, fui transferida para uma unidade na Metropolitana, perto do Núcleo Bandeirante, de onde guardo as melhores lembranças", conclui.

Em setembro de 1962, a Caixa Econômica colocou à venda a loja da 308 Sul e Andrade conseguiu comprar uma unidade, para onde a Casa Renato foi transferida e permanece até hoje. No segundo ano, a família comprou mais uma unidade.

Apostando sempre em Brasília e seguindo o conselho do pai de nunca se desafazer dos imóveis adquiridos, Andrade conseguiu comprar 26 imóveis depois de mudar-se para o Distrito Federal. A maioria foi adquirida até 1964, período em que a maioria da população do país não acreditava na consolidação da cidade, provocando a baixa nos preços dos terrenos.

“**LEMBRO-ME QUE PASSAVA POR DENTRO DO ZOOLOGICO, QUE AINDA NÃO ERA FECHADO E TINHA POUCOS ANIMAIS, PARA CHEGAR ATÉ A CANDANGOLÂNDIA**”

Raio X

Nome: Renato da Motta Andrade
Idade: 78 anos
Origem: Tocantins, Minas Gerais
Profissão: Comerciante
Esposa: Célia Queiroz de Andrade
Filhos: Francisco Queiroz Andrade e Maria de Fátima Queiroz Andrade
Netos: Renato, Natália, Ricardo, André, Vítor e Helena.

PIONEIROS



Sílvio Carlos Pimenta Jaguaribe

A emoção de ajudar a construir a cidade

Arquivo Pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Um imenso vazio coberto de matto por todos os lados. Foi essa a paisagem encontrada aqui por um dos primeiros engenheiros a participar da epopéia da construção de Brasília. Sílvio Carlos Pimenta Jaguaribe chegou aqui em 1957, vindo do Rio de Janeiro. Sua única certeza nessas terras era a de um trabalho numa serraria — a primeira da capital — que iria fornecer madeiras para as construções. O emprego foi “arranjado” pelo pai, topógrafo, e amigo de Israel Pinheiro, engenheiro e presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital.

A viagem do Rio a Goiânia, num Douglas da Panair, foi tranquila. Daí até Brasília, o candango sentiu na pele as dificuldades que encontraria no cerrado. “Gastamos 30 horas de Goiânia a Planaltina”, contabiliza. A jardineira que o trazia, conhecida como “Pássaro Marron”, quebrou no meio do caminho devido às más condições da estrada. Sem casa para morar, o mineiro — formado pela Escola Nacional de Engenharia do Rio de Janeiro — encontrou abrigo na casa de amigos, no acampamento da Novacap.

Com o diploma na mão e en-

tusiasmo de sobra, o engenheiro em pouco tempo já era o encarregado de construir o acampamento da Candangolândia. Da noite para o dia o matto deu lugar ao maior acampamento da região, que abrigava engen-

heiros e técnicos vindos de todas as partes do país, graças ao esforço do engenheiro. “As casas de lá eram muito simples, em madeira, telhado de alumínio e piso de cimento”, explica Sílvio, que depois de erguer as casas

SÍLVIO FOI UM DOS RESPONSÁVEIS PELO ACABAMENTO DA CATEDRAL

pôde se mudar para o alojamento dos solteiros.

Até a inauguração da cidade, o ritmo de trabalho era estafante. “Trabalhava o dia inteiro. Não tinha tempo para a tristeza não, era só trabalho”, afirma Sílvio. “As providências eram tomadas rapidamente, porque Juscelino tinha pressa para inaugurar a cidade”. Conta o engenheiro que apesar de virem de longe, os materiais utilizados nas construções sempre chegavam a tempo. “A brita e a areia vinham daqui de pertinho mesmo, de Minas ou Goiás, mas a madeira — o pinho — vinha do Paraná”.

Muita matéria-prima era importada dos Estados Unidos, como o aço das construções metálicas, utilizado nas estruturas dos ministérios, as peças do ar-condicionado do Itamaraty, obra que também levou a assinatura deste engenheiro. Sílvio conta que um mês antes da inauguração do Ministério das Relações Exteriores houve um princípio de incêndio na garagem que deixou toda carbonizada a sala do chanceler. Com isso, tiveram de encomendar uma peça do aparelho ao então chefe do Departamento Comercial do Itamaraty, Flecha de Lima. “Mas foi tudo resolvido e conseguimos inaugurar a tempo”.

Além de concluir a obra do Palácio do Itamaraty, o pioneiro também atuou como fiscal de obras da Novacap, chefe do Serviço e da Divisão de Fiscalização e do Departamento de Edificações da Companhia Urbanizadora. A Praça dos Tribunais — TST, TSE, TRF e o Palácio e a Praça do Buriti, o Teatro Nacional e o acabamento da Catedral Metropolitana de Brasília também tiveram a participação de Jaguaribe.

Primeira missa

O engenheiro participou não apenas das grandes obras da nova capital, mas também das cerimônias mais importantes durante a construção de Brasília. A primeira missa, realizada no Cruzeiro em maio do mesmo ano, foi uma delas. Além de trabalhar na montagem do altar, improvisado com toras de madeira e cobertura de lona, o pioneiro assistiu emocionado, ao lado de autoridades e da comitiva presidencial, às bênçãos do cardeal-arcebispo Dom Carlos de Vasconcelos Mota.

Terminada a missa, Sílvio pegou carona no vôo dos deputados e senadores rumo ao Rio de Janeiro. Na Cidade Maravilhosa alguém muito especial o aguardava. O presidente do Conselho do Clube de Engenharia de

PIONEIROS

Com o diploma de engenheiro nas mãos, o pioneiro chegou a cidade para trabalhar em uma serraria, mas não precisou de muito tempo para se tornar responsável por obras de vulto na nova capital



SÍLVIO E A ESPOSA MARLENE FAZEM QUESTÃO DE MANTER A FAMÍLIA UNIDA NA BRASÍLIA QUE ESCOLHERAM PARA VIVER

Raio X

Nome: Sílvio Carlos Pimenta
Jaguariibe
Idade: 71 anos
Origem: Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Engenheiro
Esposa: Marlene da Costa Jaguariibe
Filhas: Roberta e Renata
Netos: Thiago, Natália, Felipe e Gustavo
Obras importantes: Embaixada da Venezuela, Embaixada do México, residência do embaixador Dario Castro Alves, construção e urbanização da Cidade Satélite do Guará I e fiscalização do Brasília Palace Hotel, do Palácio da Justiça e do Tribunal de Contas da União

Brasília ficaria noivo naquele mesmo dia. Cinco meses depois, Marlene e Sílvio se casaram. O “acampamento dos casados”, construído pelo próprio engenheiro, foi a primeira residência dos Jaguariibe. A adaptação da família aqui, segundo ele, foi fácil. “Havia muita amizade e colaboração entre os moradores”.

Outro evento importante do qual o mineiro participou ativamente foi da construção da Churrascaria do Lago. Projetado quinze dias antes da inauguração de Brasília, o novo *point* da cidade foi construído em estrutura metálica, com paredes de tijolo, ambiente para churrasco e piscina, encomendada de Juscelino Kubitschek. O objetivo era receber e agradar os convidados da grande festa do 21 de abril. “Até o churrasqueiro foi trazido de Belo Horizonte para a ocasião”, lembra.

O ideal de erguer a nova capi-

tal do país era compartilhado por todos os trabalhadores que costumavam contornar as dificuldades sem qualquer problema. O engenheiro testemunhou a resistência e a luta de muitos pioneiros, entre eles, a do motorista que sempre o levava de jipe até as obras. “Ele tinha os dedos da mão esquerda roxos e um dia tive a curiosidade de perguntar o que era aquilo. Ele disse que assim que chegou na cidade não tinha mais carros para dirigir, por isso teve de trabalhar na carpintaria. Como não era sua especialidade, sempre batia o martelo nos dedos”, conta.

Amigo de Lúcio Costa, era com Oscar Niemeyer que o engenheiro passava boa parte do tempo. “Niemeyer era inteligente, simples, abnegado ao trabalho e um grande amigo”, declara. Os escritórios de urbanismo e edificações — dois barracos construídos em madeira —

“**A GENTE PASSAVA O PROJETO PELA JANELA MESMO E MUITAS VEZES NÃO DAVA TEMPO NEM PARA TIRAR UMA CÓPIA. O ORIGINAL IA DIRETO PARA AS OBRAS**”

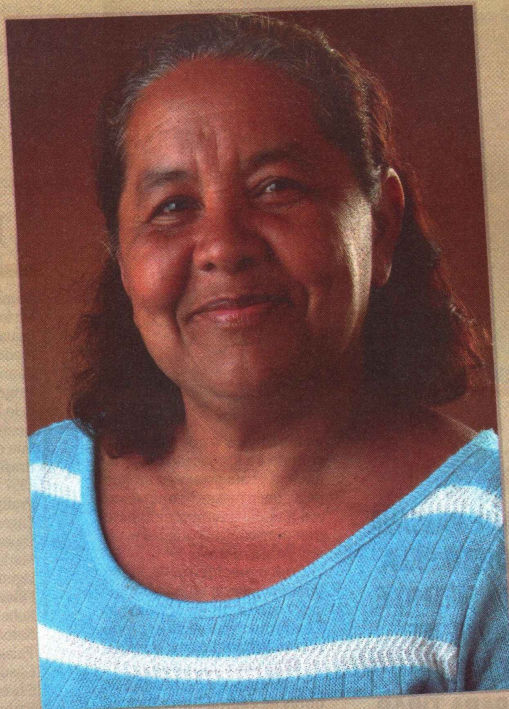
eram vizinhos, o que facilitava o contato e a aprovação dos projetos. “A gente passava o projeto pela janela mesmo e muitas vezes não dava tempo nem para tirar uma cópia. O original ia direto para as obras”.

Com o presidente JK, Sílvio também guarda boas lembranças, como a de um almoço no Catetinho. “Juscelino era uma pessoa extraordinária, simpática, dinâmica e um amigo”.

O talento e a dedicação às obras na capital lhe renderam várias homenagens, dentre elas, a de Mérito Santos Dumont, Mérito Assis Chateaubriand e o diploma de serviços relevantes prestados à nação.

Segundo o pioneiro, a construção de Brasília foi grande feito, um trabalho heróico e uma grande satisfação para ele. “Não existe lugar melhor que aqui para morar. Existe para passar, mas para morar não existe”.

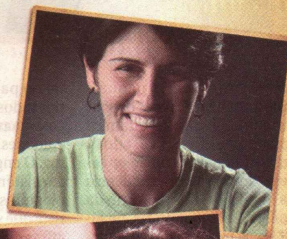
A CONCEIÇÃO SÓ PRECISOU DE UMA FORÇA PARA MUDAR SUA VIDA: A FORÇA DE VONTADE.



Quando a família da Conceição foi incluída nos programas sociais do GDF vieram as contrapartidas. Primeiro a Conceição frequentou o programa Eu Quero Ler! e saiu alfabetizada. Depois entrou na oficina de tricô e aprendeu o ofício. Pronta para o mercado, batalhou e conseguiu emprego numa lojinha de artesanato. Por fim, a Conceição pediu, voluntariamente, que tirassem sua família dos programas para que outras famílias tivessem as mesmas chances que a dela. Histórias como essa mostram que o GDF acertou em cheio ao definir a mulher que gestora dos benefícios. Hoje, **90% das pessoas que solicitam cadastro nos programas sociais são mulheres**. E quer saber do melhor? Os recursos nunca foram tão bem administrados.

MULHERES E PROGRAMAS SOCIAIS.

UMA DOBRADINHA QUE DEU CERTO.



HOMENAGEM A TODAS AS MULHERES DO DF PELO SEU DIA.

Agência de
Desenvolvimento Social

